

Alçamento, Abaixamento de [e, o] Pretônicos e Ditongação de Hiato nos Atlas Lingüísticos Regionais

Ismael PONTES

Eliane A. O. TAKACHI*

Luciana Maria da Silva COSTA*

Marciane MUELLER*

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

1 Introdução

Estudos variacionistas têm mostrado que o alçamento das vogais pretônicas [e, o] ocorre principalmente devido a um processo de assimilação regressiva desencadeado pela vogal alta da sílaba seguinte – minino, piru, curuja, bunita –, denominado harmonização vocálica (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1997, e outros). Todavia, a pesquisa que estamos desenvolvendo sobre o [e] pretônico no falar rural paranaense apresenta índices elevados de alçamento em contextos fônicos com vogal média ou baixa na sílaba seguinte (PONTES, 2001). Por exemplo, quando o [e] pretônico forma hiato com vogal não-alta na sílaba seguinte, antontem [ãte'õtēy)]-['ã'tʃyõtʃi], veado [ve'ado]-['vyado], a variante [i] aparece quase categoricamente e, além da substituição do traço médio pelo alto, há ditongação do hiato.¹ Embora nossos primeiros dados nos levem a interpretar a grande probabilidade de realização da forma [i] nesses

* Eliane A. O. Takachi (PIBIC-CNPq-UEL), Luciana M. da Silva Costa (G-UEL); Marciane Mueller (G-UEL).

¹ Conforme afirma Coutinho (1993, p. 110) e Carvalho e Nascimento (1984, p. 56), a língua portuguesa apresenta, desde a fase arcaica, uma tendência para evitar o hiato. No português brasileiro, esse fenômeno já é registrado por Amadeu Amaral no início do século XX (AMARAL, 1955, p. 51). A ditongação ocorre também frequentemente em encontro de vogais em fronteira vocabular na língua portuguesa, por exemplo, casa escura ['kazayskura], este ano ['es'tʃyãnu] (ver BISOL, 1999).

exemplos como sendo determinada por uma regra de ditongação, à medida que novos dados são recolhidos torna-se difícil sustentar a hipótese de que há essa vinculação entre os dois fenômenos: um item lexical como *geada* por exemplo, que apresenta predominantemente alçamento e ditongação [ˈgyadə] no Paraná, tem uso quase categórico da forma alçada [giˈadə] em Sergipe, sem nenhuma ocorrência de ditongo. Desse modo, se há influência da ditongação na elevação da vogal pretônica, isso parece não se dar em todas as regiões brasileiras.

No presente trabalho, propomos discutir a intersecção entre as regras de alçamento e abaixamento de [e, o] pretônicos e ditongação de hiato no português brasileiro popular falado. Analisamos primeiro os fenômenos do alçamento e ditongação no falar rural paranaense. Num segundo momento, buscamos depreender as características diatópicas da ditongação, tomando como amostra as cartas fonéticas dos atlas lingüísticos regionais publicados. Por fim, utilizando-se das cartas fonéticas desse mesmo corpus cuja palavra tema contém [e] ou [o] pretônico, tratamos das combinações possíveis das regras de alçamento, ditongação e abaixamento e a configuração diatópica desses fenômenos.

2 Corpus e procedimentos metodológicos

Os dados sobre a variedade rural paranaense foram colhidos em duas fontes: Arquivo Sonoro do Atlas Lingüístico do Paraná, doravante AS-ALPR, e cartas fonéticas do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994 e Arquivo Sonoro Inédito). Já os dados sobre o português popular brasileiro falado em outras regiões foram obtidos nas cartas fonéticas dos atlas regionais publicados – Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Atlas Lingüístico da Paraíba (ALP), Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG) e Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS).

Tendo em vista que mapear o fenômeno da ditongação no AS-ALPR constitui um trabalho considerável de organização de dados fonéticos – ultrapassando, assim, os objetivos propostos neste trabalho –, aproveitamos, em nossa análise, os dados já levantados

para o estudo do [e] pretônico no falar rural paranaense referentes a dezoito pontos lingüísticos distribuídos pelas regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná.² Esse primeiro conjunto de dados compõe-se de 20 palavras com contexto para aplicação das regras de alçamento e ditongação, sendo sempre [e] a primeira vogal da seqüência, por exemplo, *carreador*, *geada*.

Mesmo numa observação pouco sistemática, depreendemos na linguagem do dia-a-dia formas lingüísticas com ditongo – *Caminho de Santiago* [sɐ'tʃyagu] (carta 114, ALPR) –, formas lingüísticas com hiato – *Eliane* [eli'ɐni] – e formas lingüísticas em que hiato e ditongo realizam-se alternadamente, *coador* [koa'doɪ]-[kwa'do] (carta 131, ALPR). No entanto, a tarefa de organizar dados de diferentes regiões brasileiras de acordo com essas três categorias nem sempre é fácil: encontramos ditongação em casos que pressupúnhamos haver uso categórico do hiato, realidade [ɾyali'dadi] (AS-ALPR, Inf. Masc., Foz do Iguaçu, Ponto 47, ALPR) ou a ocorrência de hiato onde esperávamos ser o ditongo categórico, *menstruação* [mẽstrua'sãw] (ALP, carta 95). Isso se torna ainda mais complexo em nosso estudo pelo fato de que poucas palavras são comuns a mais de um dos atlas pesquisados.³ Considerando-se, então, as dificuldades apresentadas na delimitação de tais categorias, estabelecemos como critério no levantamento de dados que a parte de nosso corpus referente às cartas

² Nove pontos lingüísticos pesquisados localizam-se na região norte paranaense – Santo Inácio, ponto 2; Primeiro de Maio, ponto 3; Bandeirantes, ponto 4; Cambará, ponto 5; Maringá, ponto 9; Londrina, ponto 11; Jataizinho, ponto 12; Ribeirão do Pinhal, ponto 13; e Apucarana, ponto 16 – e nove na região oeste-sudoeste – Campina da Lagoa, ponto 34; Cascavel, ponto 39; Foz do Iguaçu, ponto 47; Laranjeiras do Sul, ponto 50; Guarapuava, ponto 51; Francisco Beltrão, ponto 57; Pato Branco, ponto 58; Mangueirinha, ponto 59; e Palmas, ponto 60 (ver anexo). Esses pontos fazem parte de um rol de 65 pontos estabelecidos pela equipe do ALPR, de modo a contemplar o território paranaense como um todo.

³ Das cartas fonéticas examinadas nesta pesquisa, são comuns a mais de um atlas arco-íris (ALPR, APFB, EALMG, ALP, ALS), *sutiã* (ALPR, ALP, APFB), *tresanteontem/trasanteontem* (ALPR, APFB, ALP, ALS), *trovoada* (APFB, EALMG, ALS), *crueira* (APFB, ALS), *mangual* (APFB, ALS), *anteontem* (EALMG, ALP), *redemoinho* (ALP, ALPR) e *geada* (ALS, ALPR).

fonéticas dos atlas regionais deveria compor-se de palavras que apresentam variação. Desse modo, nosso objeto de estudo serão as palavras transcritas naquelas cartas fonéticas que registram tanto a forma com hiato quanto a forma com ditongo. Por exemplo, o item lexical *miolo*, que no falar norte paranaense freqüentemente ditongamos [ˈmyolu], não será considerado, pois no ALP – carta xx –, não apresenta variação (o hiato é categórico).

Nas cartas fonéticas dos cinco atlas regionais publicados, levantamos dados sobre ditongação isoladamente e dados apresentando os fenômenos de alçamento, abaixamento e ditongação simultaneamente. Do APFB, interessam-nos as cartas 3, arco-íris; 8, trás-ante-ontem; 9, trovoadas; 68, sutiã; 80, crueira; 82, saruaba; e 150, mangual. Do EALMG, obtemos dados das cartas 2, arco-íris; 17, trovoadas; e 25, anteontem. Do ALP, tomamos as cartas 13, redemoinho; 31, arco-íris; 41, anteontem; 43, trás anteontem; 52, sutiã; e 68, joelho. Do ALS, consideramos as cartas 3, arco-íris; 5, geada; 6, trasanteontem; 7, trovoadas; 154, mangual; e 46, crueira. E, do ALPR, utilizamos as cartas 94, sutiã; 95, trasanteontem; 121, pião; 128, geada; 131, coador; 132, redemoinho; 147, piolho; 148, piolho-de-cobra; e 156, arco-íris.

3 Alçamento e Ditongação no Falar Rural Paranaense

A ditongação é uma regra variável aplicada a um número significativo de palavras com hiato no falar rural paranaense, produzindo tanto ditongo crescente – *Joana* [ʒoˈɫnə]-[ˈʒwɫnə], arco-íris [ˈaɾkoˈiri]-[aɾˈkwiri], *goela* [goˈelə]-[ˈgwelə], *sutiã* [sutʃiˈɫ]-[suˈtʃyɫ] – como ditongo decrescente – *traição* [traiˈsãw̃]-[trayˈsãw̃], *ruim* [ruˈi]-[ˈrũỹ], *redemoinho* [redemoˈiɲu]-[ridʒiˈmũỹɲũ] – e ainda está por se fazer uma pesquisa sobre nossa variedade lingüística que apresente uma descrição completa desse fenômeno. Nesta seção, interessa-nos particularmente descrever a intersecção do alçamento e ditongação, buscando demonstrar que esta não é, em tese, um elemento da estrutura lingüística que desencadeia o processo de alçamento da vogal pretônica média.

Os resultados referentes às amostras coletadas no AS-ALPR e nas cartas fonéticas do ALPR mostram que, no contexto vogal com hiato na sílaba seguinte, a regra de alçamento do [e] pretônico alcança seu maior índice de aplicação (95 e 86%, respectivamente), superando os índices apresentados naqueles contextos em que opera a harmonização vocálica (PONTES, 2001), e a regra de ditongação do hiato (65 e 55%, respectivamente), por sua vez, é também produtiva no falar rural do Paraná (ver tabela 1). Em Pontes (2001), demos a seguinte interpretação para esses fenômenos: a tendência à ditongação de hiato na variedade lingüística rural paranaense faz com que a primeira vogal da seqüência (quando média) transforme-se em semivogal, provocando assim o alçamento da pretônica. No entanto, essa interpretação torna-se difícil de ser sustentada quando levamos em conta o fato de que a regra que desencadeia a realização da outra, apresenta índice menor de aplicação. Então, como explicar os índices que apontam o contexto vogal pretônica seguida de vogal em hiato como o mais favorável ao alçamento? Se a vogal seguinte em hiato é média ou baixa – não havendo, portanto, assimilação –, estaria a estrutura da sílaba seguinte favorecendo o alçamento? Voltaremos a discutir essa questão na seção 5, quando já tivermos tratado, de modo específico, das características da ditongação e como ela é empregada nas diferentes regiões brasileiras sobre as quais temos dados.

Tabela 1 – Índices de aplicação das regras de alçamento de [e] pretônico e ditongação no falar rural paranaense

REGRAS	AS-ALPR		ALPR	
	Ocorrên.	Percent.	Ocorrên.	Percent.
Alçamento	127/133	95	276/319	86
Ditongação	87/133	65	177/319	55

Por ora, buscamos descrever três conjuntos de palavras nos quais observamos comportamentos diferentes nos fenômenos estudados. Para isso, agrupamos as palavras conforme percebemos características semelhantes. No primeiro grupo de palavras, as duas regras aplicam-se categoricamente (ver tabela 2).

Tabela 2 – Aplicação categórica do alçamento de [e] pretônico e da ditongação de hiato no falar rural paranaense (AS-ALPR)

PALAVRAS	REALIZAÇÕES FONÉTICAS	OCORRÊNCIAS
campear	[kã'pya], [kã'pyãdũ]	2
veado	['vyadu]	6
enteada	[ĩ'tyadə]	1
rodeava	[aro'dʒyavə]	1
camaleão	[kama'lyãw]	2
desnortado	[diznor'tʃyadu]	1
espanqueada	[ispã'kyadə]	1
pajear	[pa'ʒya], [pa'ʒyãdũ]	2

Nesse grupo, a vogal da sílaba seguinte é sempre baixa, oral ou nasal [a,ʌ] e, com a aplicação da ditongação, a vogal pretônica incorpora-se à sílaba tônica. Embora notemos um uso categórico das duas regras nos resultados da tabela 2, o número reduzido de ocorrências das palavras não nos permite afirmar, com segurança, que elas são categóricas no falar rural paranaense.

No segundo grupo de palavras, o alçamento é categórico, mas a ditongação é variável, apresentando índices elevados em dois itens lexicais (senhora e anteontem) e baixos em emperrear e carreador (ver tabela 3).

Tabela 3 - Aplicação categórica do alçamento de [e] pretônico e variável da ditongação de hiato no falar rural paranaense (AS-ALPR)

PALAVRAS	REALIZAÇÕES FONÉTICAS	ALÇAMENTO	DITONGAÇÃO
senhora	[ˈsyɔɾə], [sĩˈɔɾə]	27 (100%)	24 (89%)
anteotem	[ãˈtʃyõtʃi], [õˈtʃyõtʃi], [ãtʃiˈõtʃi]	22 (100%)	16 (73%)
emperrear	[ipeˈryadə], [iperiˈadə]	11 (100%)	4 (36%)
carreador	[kariaˈdo], [karyaˈdo], [karyaˈdo], [karyadoˈʒĩɲu]	7 (100%)	2 (28%)

As palavras *senhora* e *anteotem* apresentam características semelhantes àquelas expostas na tabela 2, com aplicação categórica ou quase categórica das regras. O item *senhora* envolve, além de alçamento e ditongação, a síncope da consoante nasal palatal (que também apresenta o traço alto). Registramos, nas realizações fonéticas do item *anteotem*, a concorrência da síncope da vogal pretônica [ɛˈtõtʃi]. Já as palavras *emperrear*, *carreador*/*carreadozinho* (tabela 3) e *clarear*, *arreado* e *vereador* (tabela 4), que apresentam baixos índices de ditongação, têm coincidentemente a consoante vibrante no contexto precedente.

No terceiro grupo, ambas as regras são variáveis, sendo, geralmente, altos os índices de alçamento, mas com percentuais de ditongação diferentes entre os itens lexicais (ver tabela 4). Em relação ao item lexical *geada*, é importante destacar que os índices convergem com os que encontramos nos dados do ALPR, carta 128, onde o alçamento aplica-se em 94% das ocorrências e a ditongação em 52%. As realizações fonéticas do item lexical *clarear* apresentam alçamento em 81% das ocorrências e ditongação em 30%. Já a palavra *relampear*

tem o mesmo índice de alçamento e ditongação e balancear e vereador sofrem apenas alçamento.

Tabela 4 - Aplicação variável do alçamento de [e] pretônico e da ditongação de hiato no falar rural paranaense

PALAVRAS	REALIZAÇÕES FONÉTICAS	ALÇAM.	DITONG.	NÃO APLICAÇÃO DAS REGRAS
geada	[ʒe'adə], [ʒi'adə], [ʒyadə]	28/30 (93%)	21/30 (77%)	2/30 (7%)
clarear	[klare'a], [klari'adə], [klari'adu], [kla'ryadu], [klari'λdu], [klari'a], [krari'o], [kra'ryə]	9/11 (81%)	3/11 (30%)	2/11 (20%)
arreado	[are'adu], [ari'a du]	1/2 (50%)	00	1/2 (50%)
relampear	[rel̃pe'a], [rel̃'pyλdu]	1/2 (50%)	1/2 (50%)	1/2 (50%)
balancear	[bal̃si'adə]	1/1 (100%)	00	00
vereador	[veri'adoɾ]	2/2 (100%)	00	00

Na palavra realmente, nem alçamento nem ditongação se aplicam. Já a palavra realidade, diferente do que percebemos intuitivamente, apresenta alçamento e ditongação nas três ocorrências que registramos; no entanto, até reunirmos novos dados sobre esse item lexical, tomá-lo-emos como exceção, pois foi produzido pelo mesmo falante (Inf. Masc. Foz do Iguaçu, Ponto 47, ALPR).

4 A Ditongação nos Atlas Regionais

Nesta seção, investigamos as características da regra de ditongação em diferentes regiões brasileiras, o que nos servirá de ponto de partida para a análise da relação e dependência das regras de alçamento, ditongação e abaixamento, de que trataremos na seção seguinte. Como já mencionamos neste trabalho, esse processo fonológico cria tanto ditongo crescente quanto decrescente, os quais apresentam características diferentes pelo menos no que diz respeito à sua dimensão diatópica.⁴ Por exemplo, o item lexical *redemoinho* registra maior índice de ditongação na Paraíba (ALP, carta 13) do que no Paraná (ALPR, carta 132), resultado inverso aos apresentados pelo ditongo crescente. Tendo em vista que o ditongo decrescente não se intersecciona com o fenômeno de alçamento da pretônica – nosso objeto de interesse – não o investigaremos na presente pesquisa.

Levantamos, nas cartas fonéticas dos atlas lingüísticos regionais, 1.424 ocorrências referentes ao fenômeno da ditongação de hiato, sendo 456 (32%) realizações ditongo e 968 (68%) hiato. Esses percentuais, ao contrário daqueles que expusemos na seção 3 sobre o falar rural paranaense, indicam que, de modo geral, trata-se de uma regra pouco produtiva no português popular brasileiro; porém, controlando-se separadamente os dados de cada atlas pesquisado, depreendemos uma distribuição diatópica bem definida desse fenômeno de variação fonético-fonológica.

Evidenciamos, na tabela 5, as seguintes características da ditongação: (a) no Paraná, a regra é bem produtiva (54%); Minas Gerais é uma área geográfica em que sua aplicação é pouco expressiva (20%); e Bahia, Sergipe e Paraíba caracterizam-se como uma região em que

⁵ Embora, neste trabalho, não temos como objetivo empreender uma investigação da dimensão histórica dos fenômenos aqui estudados – seja em tempo aparente ou real (LABOV, 1994), reconhecemos que o fato de os dados de cada um dos atlas lingüísticos regionais publicados terem sido recolhidos em épocas diferentes – APFB, de 1958 a 1961; EALMG, de 1973 a 1974; ALP, de 1979; ALS, de 1963 a 1973; e ALPR, de 1985 a 1990 – pode determinar estágios diferentes da evolução dos fenômenos estudados em cada área geográfica pesquisada.

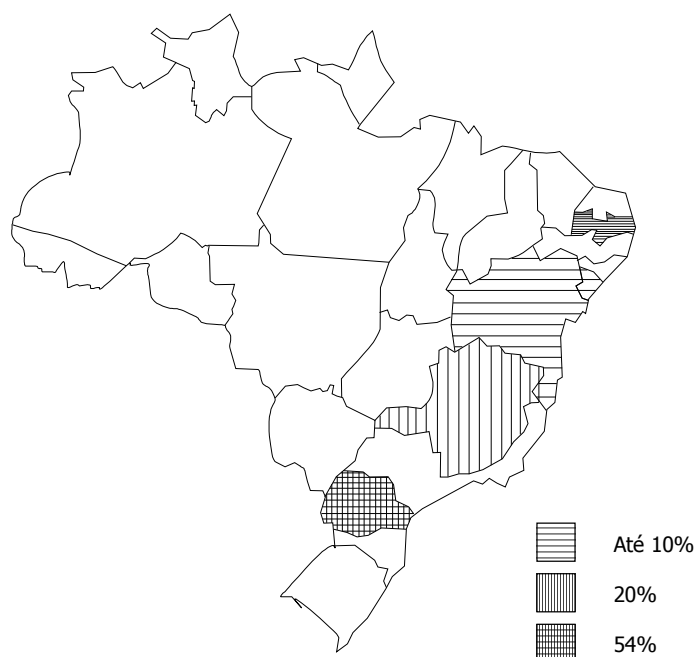
sua realização é esporádica (9, 8 e 4%, respectivamente). É importante destacar que os percentuais de Bahia e Sergipe chegaram à casa dos 10%, devido ao item lexical mangual que, embora se caracterize como uma palavra com ditongo, apresenta ocorrências com hiato (registra variação); portanto, segundo nosso critério de organização dos dados, faz parte do corpus estudado. Se desconsiderarmos as ocorrências desse item lexical, os índices reduzem-se para 0,8%, na Bahia, e 1%, em Sergipe.

Tabela 5 – Índices de ditongação de acordo com as cartas fonéticas do atlas lingüísticos regionais

REGIÕES	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAIS
Paraná	373/690	54
Minas Gerais	45/221	20
Bahia	24/266	9
Sergipe	9/114	8
Paraíba	5/133	4

As amostras de que dispomos nesta análise mostram que a ditongação de hiato constitui uma marca lingüística da variedade paranaense (bem possivelmente essa marca lingüística ultrapasse as fronteiras geográficas do Paraná tanto em direção a São Paulo e Mato Grosso do Sul quanto em direção aos estados do sul). Por outro lado, embora pouco expressivas – considerando-se a extensão territorial de nosso país –, revelam uma regularidade sistemática do fenômeno na dimensão diatópica: a regra torna-se menos proeminente à medida que avançamos em direção aos falares do norte do país, ou seja, o Paraná situa-se na região onde a regra se aplica; já nos estados nordestinos, no outro extremo, o fenômeno reduz-se a algumas exceções, e Minas Gerais, tanto em relação à sua posição geográfica quanto em relação à regra aqui estudada, situa-se numa posição intermediária (ver mapa 1).

Mapa 1 – Distribuição diatópica da ditongação, de acordo com as cartas fonéticas dos atlas regionais



5 Alçamento, abaixamento e ditongação nos atlas lingüísticos regionais

Como nosso objetivo principal, neste trabalho, é compreender a relação entre os fenômenos do alçamento e a ditongação de hiato, discutimos agora os dados registrados nas cartas fonéticas dos atlas regionais publicados com vogal pretônica média e contexto para ditongação do hiato. Notamos, na tabela 6, que a proporção de aplicação das regras de alçamento e ditongação são significativamente diferentes: o alçamento apresenta índice de 86%, enquanto a ditongação, 28%, o que refuta fortemente a nossa hipótese inicial de que a ditongação determina o alçamento.

Tabela 6 – Alçamento e ditongação nos atlas lingüísticos regionais

FENÔMENO	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAIS
Alçamento	697/807	86%
Ditongação	224/807	28%

Para uma análise mais profunda da relação entre os fenômenos estudados, parece-nos relevante controlar separadamente os resultados sobre o alçamento e ditongação, incluindo-se também os dados sobre abaixamento, em relação às cinco áreas correspondentes aos atlas pesquisados. Isso nos permite depreender o avanço e/ou recuo das regras que estudamos à medida que seguimos do Paraná em direção ao norte do país (ver tabela 7).

Tabela 7 – Alçamento, ditongação e abaixamento nos atlas lingüísticos regionais

REGIÕES	ALÇAMENTO		DITONGAÇÃO		ABAIXAMENTO	
	Ocorrên.	Percent.	Ocorrên.	Percent.	Ocorrên.	Percent.
Paraná	274/319	85,89	177/319	55	00	00
M. Gerais	193/223	86,54	45/223	20	00	00
Bahia	100/102	98	00/102	00	2/102	1,96
Sergipe	71/86	82	00/86	00	2/86	2,3
Paraíba	59/88	67	00/88	00	28/86	32

Observamos, na tabela 7, um crescimento dos índices de aplicação da regra de alçamento do Paraná até a Bahia e, a partir da Bahia – quando se inicia a aplicação da regra de abaixamento –, os índices de alçamento decrescem. A ditongação ocorre

concomitantemente com o alçamento nas regiões em que não se aplica o abaixamento da vogal pretônica média (Paraná e Minas). Ou seja, alçamento e ditongação não se excluem, o que os caracteriza como uma regra dos falares do centro-sul do Brasil. Já alçamento e abaixamento são fenômenos concorrentes, pois, à medida que aparece o fenômeno do abaixamento, o alçamento tende a se enfraquecer (Bahia, Sergipe e Paraíba).

Desse modo, depreendemos, nesses dados, distribuição diatópica bem regular: (a) uma área centro-sul com alçamento e ditongação e (b) uma área nordeste com alçamento e abaixamento. Na área (a), verificamos duas subáreas cuja distinção é menos marcada: no Paraná, tanto alçamento quanto ditongação são bem produtivos; já em Minas Gerais, o alçamento tem alta frequência, mas a ditongação é pouco expressiva. Na área (b), notamos também duas subáreas: Bahia e Sergipe, com alçamento bem produtivo e abaixamento esporádico, e Paraíba, com o menor índice de alçamento, porém com o percentual de abaixamento mais significativo.

Os resultados apresentados na tabela 7 são decisivos ainda para demonstrar que, nas seqüências pretônica [e, o] e vogal em hiato, a ditongação não determina o alçamento como tínhamos proposto em Pontes (2001), pois o maior índice de aplicação dessa regra ocorre na Bahia (98%), região onde não registramos ditongação envolvendo as vogais pretônicas médias.

6 Considerações Finais

A análise desenvolvida neste trabalho possibilitou-nos discutir aspectos importantes da ditongação de hiato no português popular brasileiro falado, tais como sua intersecção com o alçamento das pretônicas médias, sua exclusão em relação ao abaixamento das pretônicas e distribuição diatópica. Esta pesquisa mostrou-nos ainda que, embora a ditongação aplique-se paralelamente ao alçamento no contexto vogal pretônica seguida de vogal em hiato, parece não ser o principal determinante da realização da variante alta. Isso nos abre

perspectiva para investigar outros fenômenos lingüísticos condicionantes do alçamento no contexto com hiato, tal como a estrutura das sílabas onde as vogais médias e altas se alternam.

BIBLIOGRAFIA

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas Lingüístico do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

_____. Arquivo Sonoro Inédito. Universidade Estadual de Londrina. Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem.

AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. São Paulo: Anhembi, 1955.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Palmeira Bezerra de. Atlas lingüístico da Paraíba. Brasília: UFPB/CNPq, 1984.

BISOL, Leda. Harmonização vocálica, uma regra variável. Tempo Brasileiro, n. 78/79, p. 73-96, 1984.

_____. O sândi e a sintaxe. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. Português do Brasil: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Ed. UEL, 1999.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. Gramática histórica: para o 2º grau e vestibular. 14. ed. São Paulo: Ática, 1984.

COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra. Atlas Lingüístico de Sergipe. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

LABOV, William. Principles of linguistic change: internal factors. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

PONTES, Ismael. Alçamento do [e] pretônico no falar rural das regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná. In: SEMINÁRIO DO GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo), 49., Marília, 2001. (Comunicação oral).

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto L.; PASSINI, José. Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977. v. 1.

ROSSI, Nelson et al. Atlas prévio dos falares baianos. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista. Graphos, v. 2, n. 1, João Pessoa, 1997.

ANEXO

Pontos lingüísticos das regiões norte e oeste-sudoeste pesquisados no AS-ALPR

